

Transcrição de entrevista

(Professor Cooperante)

Entrevistado: Professor Cooperante

Local da entrevista: Escola Dr. Ângelo Augusto da Silva (Sala de Educação Musical)

Duração da entrevista: 25 minutos (aproximadamente)

Forma de registo: Vídeo

Data de realização: 8/1/2015

Aprendizagens

*Gerais

Na sua opinião o que aprenderam os alunos com este projeto?

P.C- Tendo em conta que já conhecia esta turma, alguns deles já tocavam cordofones, tocavam comigo no ano passado, houve um aluno ou dois que trocou para rajão, outro para braguinha e a outra continuou na viola de arame, outra partilhou o rajão com a viola e outra partilhou o clarinete com a braguinha.

Parece que com este projeto, deram continuidade, acho que foi interessante, deram continuidade àquilo que tinham feito, no entanto o reportório foi outro, tendo em conta que foi este o reportório pop rock, com músicas assim um pouco mais mexidas, como eles próprios já referiram nas aulas, parece que a parte do reportório, a motivação pelo reportório pelas músicas conhecidas foram um dos pontos que os cativou mais para tocar. Aprenderam alguns acordes, como eles referiram, nomeadamente acordes de barra na viola acordes de barra no rajão que foi preciso fazer acordes de barra também na braguinha. Pronto, tendo em conta ao reportório que foi escolhido, acho que deu para trabalhar relativamente alguns acordes significativos que até se utiliza muito nestes três cordofones que se costuma tocar.

Considera que este projeto teve benefícios para os seus alunos que ultrapassam os conhecimentos relacionados com a Música? Se sim, quais?

P.C- Eu penso que sim. Se formos a pensar na parte do comportamento e na parte do relacionamento interpessoal, eu acho que foi importante porque, por exemplo no comportamento, via-se que quando os outros colegas queriam trabalhar e a seguir havia alguma das colegas, neste caso podemos dizer alguma porque eram todas femininas, chamavam atenção e queriam trabalhar avançar e não queriam estar a marcar passo, isso observou-se em algumas situações.

Numa outra situação penso que o trabalho conjunto e o estar a ensaiar uma peça e ao mesmo tempo estar a ouvir outras sonoridades à direita, outras sonoridades à esquerda, nomeadamente um acompanhamento em arpejo outro acompanhamento em acorde ou uma melodia no lado esquerdo ou uma melodia no lado direito, portanto parece que não, mas isso exige uma concentração; exige estar concentrado, estar atento aquilo que está a fazer, saber bem a sua parte para conseguir juntar a sua com a parte dos outros.

Nomeadamente nessa parte acho que é o trabalho de grupo que vão aprender toda a vida e que nós falamos também numa das situações na aula que lembro-me que eles estavam a se comportar ligeiramente mal no sentido de não estarem a dar o valor significativo às coisas e que nós lhes demos o exemplo de que este trabalho de grupo na sala de aula ,apesar de ser um ensaio de conjunto também servirá para a vida onde irão trabalhar em conjunto.

Penso que na parte social também essa deve ter sido uma das experiências do saber depois trabalhar com diferentes pessoas e saber aceitar as diferentes pessoas.

Considera que os alunos melhoraram os seus conhecimentos musicais com a participação neste projeto?

P.C- Eu acho que sim, porque é assim: uma das coisas que observei este ano, esteve relacionado com o cantar porque como as músicas, tirando a música que

tinha iniciado no primeiro mês, tendo em conta que o estágio começou um bocadinho mais tarde e que um dos objetivos que me propus trabalhar era trabalhar também alguma música tradicional, tem a ver com a regionalização do currículo também e para além de estar a trabalhar os cordofones também quis trabalhar a música tradicional. Era para trabalhar mais, mas como o tempo é sempre pouco a gente sabe que num semestre temos sempre pouco tempo.

Parece-me que umas das coisas que eles melhoraram um bocado foi isso, foi a parte do cantar, porque no ano passado recusavam-se a cantar, tinham vergonha. É sempre aquela coisa de ter vergonha “...Eu não canto. eu não canto...” e estas músicas, sendo músicas “deles” digamos assim, músicas que eles ouvem todos dias, que as sabem cantar mesmo sendo em língua estrangeira, acho que foram uma das coisas que melhoraram um bocado porque também é preciso desenvolver a melodia, desenvolver a parte do canto.

Lembro-me que trabalhamos a dicção a afinação e depois o cantar em conjunto e afinar com instrumentos. Nesse ponto acho que foi uma das coisas que eles evoluíram bastante. É óbvio que evoluíram nos cordofones porque tinham iniciado no ano passado e este ano fizeram coisas mais significativas e também evoluíram. Acho que evoluíram em ambas as partes, mas saliento essa parte do cantar.

**Sociais*

Qual a sua opinião sobre a prática de conjunto nas aulas de Educação Musical?

P.C- Eu sou um defensor afincado, digamos assim, um defensor da prática de conjunto, porque toda a vida tenho feito isto que é agrupamentos instrumentais. Neste caso calhou um braguinha, uma viola de arame, um rajão, uma viola e voz também tinha um clarinete, mas noutras turmas pode calhar outras vozes, pode ter vozes masculinas pode ter uma flauta, pode ter um piano, pode ter xilofones, pode ter percussão pode ter um bocadinho de tudo e eu acho que a prática de conjunto é sempre, mas sempre, muito mais significativa que outros pontos.

Acho que as aprendizagens são muito mais significativas e são muito mais envolventes ao nível de conteúdo. É o que deve de acontecer no meu ponto de vista, preparar melhor o grupo individualmente.

Os alunos preferem tocar individualmente ou em grupo? Porquê?

P.C- É assim, aqui na escola aquilo que a gente vê, tendo em conta que eles ainda estão a se formar musicalmente e a se formar enquanto músicos, enquanto instrumentistas ou enquanto interpretes, é difícil se chegar aqui na escola, mesmo até sendo na parte extra curricular, é difícil se chegar a um ponto em que o aluno já quer ele próprio mostrar aquilo que quer fazer.

A gente vê aqui que eles se escondem sempre por trás uns dos outros e querem sempre muito mais fazer em grupo do que individual, mas o nosso caminho, o nosso papel é esse, é trabalhar para que cada vez mais cedo possa haver essa, digamos, uma competição saudável de querer mostrar que “eu também consigo tocar individual e quero tocar individual...”, mas ainda não há, mas acho que não é um problema só desta turma, é um problema geral da escola, não só desta escola, da escola em geral.

Que diferenças julga existirem entre a execução instrumental em contexto sala de aula e em palco?

P.C- Eles, no ano passado, tocaram na festa, vamos tocar ainda, o espetáculo só vai ser agora daqui a duas semanas. É claro que aquele à vontade que eu vejo que existe aqui dentro da sala, aquela falta de responsabilidade que vejo aqui na aula, nos ensaios, tudo isso vai se transformar em fobia e naquele medo e naquela adrenalina quando chegarem ao dia para tocar.

Vai servir para eles pelo menos caírem em si e virem à terra e verem que realmente é preciso estar concentrado, realmente é preciso haver aquela responsabilidade. Eu até gostava que houvesse mais concertos para os responsabilizar mais nesse sentido, porque eles estão muito descontraídos.

Como eles próprios falaram, dentro da sala estamos muito mais descontraídos, estamos muito mais à vontade e não há ninguém a ver e não há ninguém a nos criticar, só os professores e os colegas.

Mas é isso, penso que eles se sentem mais à vontade na aula.

Na sua opinião os alunos preferem tocar na sala ou em palco?

P.C- Eu penso que eles estão sempre mais à vontade na sala de aula, mas quem me dera que houvesse mais concertos e que se pudesse trabalhar e que o tempo

fosse suficiente, que pudéssemos trabalhar repertório para, pelo menos a cada semestre, apresentarmos um espetáculo de pelo menos 45 ou 40 minutos, relacionar com todas as turmas.

Para quem tem várias turmas consegue-se fazer, desde que se trabalhe músicas diferentes em várias turmas, embora com o mesmo grau dificuldade.

Qual a importância dos alunos apresentarem este tipo de atividade aos encarregados de educação e colegas?

P.C- Certamente não se vão rir, certamente vão levar as coisas mais a sério, porque vão estar à frente de um público, vão estar à frente dos pais e não vão querer falhar. Ninguém quer falhar à frente dos pais, ninguém quer falhar à vista de ninguém e parece-me que pelo menos esse dia vai servir e era bom que tivesse mais dias desses.

S.C- Qual a importância de todos colaborarem na aprendizagem das músicas?

P.C- O ensino em grupo tem estas coisas, o ensino em grupo tem esta valência que é eles mais depressa às vezes percebem uma coisa quando é explicado por um colega, não porque o professor não sabe explicar, mas porque eles próprios não estão com atenção quando o professor explicou e mais depressa aprendem uma coisa com o colega do lado do que estar diretamente a perguntar ao professor. Porque é mais fácil perguntar ao colega porque ao perguntar ao colega só está a perguntar ao colega e ao perguntar ao professor está a se expor perante a turma e está a mostrar que não sabe e eu penso que quase nenhum aluno gosta de fazer isso.

Acho que o ensino em grupo tem essa valência que é o espírito de entreajuda entre uns e outros e para além de outras coisas que já falei de o ser significativo de quando se está a tocar e a ouvir é a dinâmica, é o respeitar o andamento, é o respeitar as melodias dos colegas e os acordes dos colegas tudo aquilo que é preciso haver toda aquela concentração.

O ensino em grupo é do melhor que há, no meu ponto de vista, para trabalhar.

Perceções

*Gerais

Como avalia este projeto (aulas)?

P.C- *Isto vai no seguimento daquilo que eu também costumo fazer e a minha avaliação tem sempre pontos positivos e negativos.*

O tempo, por exemplo, para desenvolver este projeto não foi o melhor, foi pouco. A gente trabalha praticamente uma vez por semana durante três meses que foi o que se esteve aqui três meses e pico.

É muito pouco para trabalhar bastante repertório, para cimentar repertório, para que as coisas fiquem como deve ser, porque eles próprios desvalorizam “ –Ah, isto é para a sala de aula, qualquer coisinha serve. Se falhar um acorde ou outro não interessa!” e aquilo que era preciso era mais tempo, mais atuações públicas, não digo para muita gente, mas tipo esta como vamos fazer, tipo uma audição para os familiares e para os pais, para que eles pudessem cimentar e pudessem eles próprios dar mais valor a este projeto.

Agora o valor que acho que isto tem é muito significativo. É por isso que eu também aposto forte também nesse sentido de trabalhar os cordofones. São os cordofones e não interessa se o repertório não é madeirense. Aqui acho que não interessa se o repertório não é madeirense porque estamos a trabalhar um dos conteúdos. No fundo são três: o braguinha, o rajão e a viola de arame. São conteúdos da tradição e é isso que é preciso perceber, que às vezes parece que há colegas e pessoas que não percebem.

Se eu já estou a trabalhar três conteúdos tradicionais que é o braguinha, o rajão e a viola de arame porque é que eu tenho que estar a meter a música tradicional? Também vou meter a dança?! Também vou trajar?! É óbvio que poderei fazer todo esse tipo de coisas, mas acho que isso envolve um trabalho com mais tempo, com mais motivação, para tentar dar uma volta na cabeça desta gente, fazê-los entender o que são as tradições, porque isto não é só chegar aqui e dizer assim:

“–Vamos trabalhar os instrumentos tradicionais com música tradicional e vamos pô-los a dançar num grupo!” Não é bem assim! Ou

“–Vamos trabalhar música tradicional com instrumentos tradicionais!”

Eu acho que não! Eu acho que se já estamos a trabalhar os três conteúdos

que são os três instrumentos e lhe dermos aquilo que é deles, que é a música tradicional, se isto fosse uma continuação, digamos, do Primeiro Ciclo, mas vamos pensar aqui nesta escola do 5-º Ano até ao 9º Ano.

Tenho a certeza que os alunos preparados dessa forma que tivessem tido aquele rebuçado de ter o repertório que eles gostam quando chegássemos a esta fase, já estavam a compor, já estavam a criar eles as próprias músicas deles e já estavam a tocar músicas tradicionais e eu sei e posso falar disso porque tenho experiência, porque isso acontece com as atividades extra curriculares, em que eu comecei a trabalhar com este tipo de motivação, dando-lhes o repertório que eles criam e hoje estamos a tocar músicas tradicionais e claro que eles dizem: “ –Ah! Essa não!”, mas há umas daquelas mais mexidas que até eles gostam.“ “–Ah! Vamos fazer a viuvinha que está porreiro!”. Há outros que pedem o Ladrão.

Portanto, aqui não gostavam do Ladrão, aqui na turma fazem porque têm que fazer e cantaram porque tiveram que cantar porque iam ser avaliados nesse sentido, mas o próprio valor que dou neste projeto e se trabalhamos os conteúdos na mesma, trabalhamos o braguinha, o rajão e a viola de arame e depois, mais à frente, podíamos trabalhar também isso e a música. Agora, o tempo é muito pouco.

As outras disciplinas que têm o ano inteiro e têm o ciclo inteiro com cinco horas por semana ou quatro horas por semana queixam-se que não conseguem dar o programa. Somos nós, com uma vez por semana e ainda por cima só um semestre que vamos conseguir fazer e motivar!? Mas tem muito valor o projeto.

Qual a sua opinião sobre o recurso à música POP para o desenvolvimento deste projeto? Qual a sua opinião sobre as músicas trabalhadas?

P.C- É isso... Acho que já foi dito mais ou menos. Foi um repertório que eles gostavam, foi um repertório que foi até certo ponto negociado com eles, teve pelo menos um tema ou dois que eles gostavam e tu preparaste essa parte para que pudéssemos fazer aqui na sala. Acho que... pronto, eu também faço isso. Tu foste ao encontro deles e também vou ao encontro deles, porque é assim... Se nós lhe dermos o “rebuçado”, mais à frente, podemos ir buscar uma coisa à nossa maneira. Mas acho que o repertório foi bom.

Viu-se, eles cantaram, motivou-os para cantar, a nível de harmonia não foi muito difícil porque até foi muito parecido. O ritmo de acompanhamento foi muito

parecido, também os acordes e a própria harmonia de cada uma das canções. Por isso, apesar de elas serem diferentes, a harmonia foi muito parecida. Acho que foi bem escolhido, está dentro dos parâmetros da motivação tudo o que se trabalhou: dinâmica, acordes, técnicas de execução, as melodias (algumas que trabalhamos), a leitura, por exemplo, em algumas, o esquema da música.

Há toda uma série de conteúdos e uma série de coisas que é necessário trabalhar que com qualquer uma música conseguimos trabalhar esses conteúdos. Por isso, desde que sirva para motivar porque não?

**Projeto*

Considera importante o professor tocar com os alunos? Porquê?

P.C-Eu acho que sim. Como eles próprios referiram e ainda bem que os ouvi a dizer isso antes, como eles próprios referiram, eu acho importante que o professor possa mudar de instrumento quando tem mais que um instrumento, para uma vez estar a exemplificar para o braguinha, outra vez estar a exemplificar para a viola de arame e outra vez estar a exemplificar para o rajão, mas também que o professor também toque um instrumento diferente dos deles, neste caso a viola, para que os obrigue a que, se eu estou a tocar a minha parte e os meus acordes que é o arpejo ou um baixo e que o meu instrumento tenha um timbre diferente, que eles também se preocupem. Que não têm que ter sempre um espelho à frente e que os obrigue a olhar para o esquema, para o papel e para as tablaturas que eles têm nos esquemas.

Tanto dá uma forma para ajudar em espelho, como outra, que é para ajudar a ter responsabilidade “-Preocupa-te com o teu que estou preocupado com o meu!”.

Muitos alunos queixam-se que, às vezes, quando estão a ouvir um instrumento diferente, e isso é o trabalho de grupo que é bom, quando começo a fazer um dedilhado e eles têm que estar a fazer um ritmo diferente, que baralha. Pois baralha! No início, quando não sabem bem a sua parte.

É um bocado isso! Acho que é importante o professor tocar nesse sentido de que é um modelo que impõe o andamento, toca às vezes mais forte ou mais piano ou meio forte, para que a música tenha dinâmica.

Por exemplo, na viola, às vezes, sentimos muito isso que é a forma do ataque perante o instrumento, atacam muito as cordas graves e ouvimos bastantes graves e então numa sala destas...É graves, graves, graves. E é preciso mostrar a eles que não é isso que devemos fazer. Que devemos tocar com mais sensibilidade sobre as cordas, para que possa tirar aquela sonoridade e timbre bonito e não estar ali só, às vezes, a bater no instrumento em vez de estar a tocar.

É um bocado isso o modelo professor e sou defensor que um grupo e os alunos que tenham um professor que toca com eles ou um maestro ou um líder que toca com eles é sempre mais significativo nesse sentido de que a pessoa, o professor ou líder, transmite para os alunos, se está a tocar é porque gosta de tocar, gosta de subir ao palco.

Se os leva ao palco, se gosta de tocar com eles, acho que é um dos melhores modelos, dos melhores espelhos que pode acontecer perante um grupo que está a iniciar.

E acho que aquilo que tenho feito ao longo da minha vida é isso: toco sempre com eles e quando vejo que são alunos mais crescidos e daquilo que a gente falou há pouco, de estarem musicalmente mais evoluídos e já querem eventualmente tocarem sozinhos e aí, se eles querem, deixá-los .

Julga que os seus alunos gostariam de voltar a participar em projetos tipo?

P.C- Eu acho que sim, porque os alunos que passam por aqui, por esta experiência e que têm passado aqui comigo... e tu estiveste aqui, nós trabalhamos em conjunto. Eu tenho tido muitos que me procuram, tenho tido muitos que continuam. No clube de cordofones, do ano passado para este ano, praticamente não perdi ninguém dos que estavam em continuação. Só os que saíram mesmo da escola, mas foi quase ninguém, um ou dois alunos.

Se eles nos procuram lá, aqui na sala também nos procuram e ao irem para a universidade, se eventualmente tiverem um convite para fazer parte de uma tuna eles vão procurar porque o bichinho de tocar e de cantar a gente vê que está ali e houve até uma aluna que referiu que que isto podia ser um passo e podia ser, digamos, um abrir de olhos para eventualmente ir para o conservatório ter umas luzes de alguma coisa ou então quando alguém lhe perguntar sobre um cordofone ela já saber alguma coisa e as tunas acho que são um bom exemplo que eu tive,

posso citar em exemplos anteriores que foi alunos que na altura quando tiveram comigo gostaram daquilo que fizeram e depois, mais tarde, quando estavam na universidade, vieram perguntar se eu lhe arranjava os acordes ou se tinha cordas para o instrumento. “Mas estás a tocar ?” “ Ah sim, estou a tocar na tuna”.

*Cordofones tradicionais

O que acha da utilização dos cordofones tradicionais na Música POP?

Como estava a te dizer isso foi uma das coisas que sempre fiz em toda a minha vida, digamos desde que entrei para o ensino genérico dar aulas assim numa escola estatal, porque trabalhava antes num ATL e aí é diferente o repertório, mas desde que eu para aqui sempre usei a música pop rock como uma estratégia de motivação, sempre.

Acho que usar os cordofones para tocar músicas pop rock, usar bandolins que também são cordofones de outra forma para tocar música pop, usar pianos, eventualmente, para tocar música pop rock, usar xilofones ou instrumental Orff com a flauta para tocar música pop rock. As tonalidades vão ser sempre diferentes como disse uma das alunas que a viola está mais aproximado com aquele som que eu conheço que é real, porque tem os graves e os agudos e estes instrumentos tocam, mas ficam com um som diferente. Ela disse que fica diferente, mas não disse que não prestava, não disse que não é bom assim, fica diferente. E aquilo que precisamos quando fazemos um projeto, neste caso de pegar músicas pop, vamos pensar numa banda rock, vamos pensar numa banda rock desenvolvida dentro de uma sala de aula.

Os alunos são exigentes e o professor é exigente, mas os alunos ainda são mais e se calhar o público que ainda os vai ouvir são alunos e ainda são mais, fazer uma música conhecida pela banda original e eu tenho uma guitarra na sala de aula que não é de qualidade que não faz o som tão aproximado ao original, se tenho um grupo que, apesar de ser a mesma formação igual à original e eu não consigo chegar lá porque não tenho os instrumentos como o grupo original tem, não tenho o som que o grupo original tem, quer queiramos quer não, quer queiram os alunos quer não, há qualquer coisa ali que lhes vai faltar e eles vão sentir isso, eles vão sentir que o som não está igual ao original, porque não existe aparelhagem

suficiente ou porque não existe efeitos suficientes e, quer queiramos quer não, eles estão a tocar e gostar daquilo que estão a tocar.

Estou a dizer isto não que tenha experiência ou que tenha feito um estudo, mas sinto isso e eu próprio sinto isso e já vi e também sou crítico daquilo que vejo, e estar a tocar e estar a tentar imitar ou copiar o original, mas estar a léguas daquilo que é original, então se eu já estou a fazer os cordofones tradicionais, eles já têm o som característico não lhes posso mudar o som e o som é aquele. O que vou fazer é lhes dar uma diferente interpretação e vou ter uma sonoridade diferente e com uma diferente interpretação porque é com outros instrumentos e aí acho que a utilização foi sempre aquilo que eu pensei e tu vais por esse caminho achas que esse caminho é uma das formas de trabalhar os cordofones, de motivá-los.

Eu também acho e também concordo e é isso que tenho pensado sempre, que a música pop rock pode ser uma motivação para pô-los a tocar braguinha, rajão e viola de arame. O resto é aquilo que eu já falei, que não dá tempo, a gente nunca chega àquele patamar, nem nunca chega àquele sítio de “agora já vamos compor e agora vão ser eles a trabalhar músicas tradicionais ou eruditas e vamos deixar as músicas pop rock e seriam eles próprios a se fartar, porque isso não acontece aqui, mas vai acontecer na orquestra de ponteado, já aconteceu com outros projetos que eu tenho que eles fartaram-se “Vamos fazer uma coisa diferente agora” e agora estamos a fazer outras coisas diferentes e eles estão adorar.

É essa diferença de trabalhar é mais por motivação porque motiva mesmo e a gente viu aqui neste projeto, apesar de ser pouco tempo, viu que este projeto motivou estas jovens para que tocassem braguinha, rajão e viola de arame. Porque estávamos a tocar músicas fixas, porque estávamos a tocar músicas fixas, não interessa. Tirando a Lady, até tu podes ver, a Lady quis tocar viola, mas aplicou-se, tocou uma música tradicional antes de tu chegares, tocou no “Ladrão” e em que o trabalho que ela fez na viola foi um trabalho bastante significativo, leitura na tablatura e em pauta, e tem ali um trabalhinho de arpejo e de acordes com uma harmonia completamente diferente e com um baixo a descer e essas coisas todas e ela toca aquilo igualzinho ao original.

São essas coisas que eles motivaram-se e depois vimos uma das músicas que ela quis tocar rajão, quis deixar a viola de parte.

Há um bichinho que fica sempre ali porque tenho quase certeza que ela percebeu ou viu-me, ou tu a tocar, ou outro a tocar, que o rajão ou que o

instrumento tradicional ali naquela música a acompanhar ficava melhor que a viola.

Não foi por dificuldade, porque os acordes eram mais ou menos iguais para todas as músicas. Por isso eu acho que é melhor trabalhar música pop rock seja para cordofones ou seja para instrumental Orff, seja para tocar flauta seja para tocar outro tipo de instrumento qualquer que não seja os originais qualquer um deles serve para motivar os jovens para tocar. Os outros têm aquele problema, vou ser repetitivo mas tem aquele problema, de que se não está perto do original se calhar é melhor não fazer assim, é melhor fazer um arranjo diferente.

Considera que a opinião dos seus alunos sobre os cordofones tradicionais mudou com a sua participação neste projeto?

Eu acho que sim, porque eu vi nas respostas deles “Ah, eu pensava que os cordofones eram só para tocar as músicas dos antigos” eles responderam isso, podemos não ter ouvido muito bem, mas acho que a Luzia disse isso. Pensavam que era para tocar músicas dos antigos e músicas lentas e só músicas tradicionais e eles viram que realmente dá para fazer outra coisa e dá para fazer outra coisa.

Não digo que saiam daqui apaixonados, como eles referiram, uma queria tocar bateria uma queria tocar piano, outra queria tocar guitarra elétrica, mas é assim, se a escola não tem essas condições, a gente temos que lhes dar aquilo que é possível, mas parece que a opinião mudou um pedacinho e é isto o meu papel e o teu papel tem sido ao longo deste tempo, mudar a visão perante estes instrumentos, que estes jovens digam assim, “Não, afinal estes instrumentos são diferentes e gosto desta sonoridade e até gosto mais de ouvir o rajão a fazer esta melodia do que a viola”.

É pensar que no meio de tantos possa haver um ou dois que pense assim e esse um ou dois que pensam assim é como um, dois, ou três ou quatro que conheço por aí que fazem parte dos projetos lá fora e que têm levado os cordofones tradicionais por ai além.

É pena que a escola nunca dá tempo para tudo, de nós trazermos aqui bons exemplos e na hora de trazermos aqui esses bons exemplos para lhes mostrar, esses bons exemplos não podem vir. Depois também levá-los daqui em visitas de estudo e ir assistir a concertos, não há esse hábito. É um hábito que é preciso incutir e nós andamos todos aqui uns bichinhos, de um lado para outro, e a cumprir

horários e mesmo que se faça projetos significativos o tempo é sempre contado e é sempre complicado fazer os modelos e criar os modelos.

Eu mostro vídeos, mostro algumas coisas aqui, mas a sala não tem condições, nós não temos internet aqui. Esta sala a fazer esta reverberação tamanha que dificulta-

-nos o trabalho e tudo podia ser muitos mais significativo, tudo podia ser muito mais significativo, mas é a correria, é a falta de condições. E não me venham dizer que com falta de condições também trabalhamos, é óbvio que se estou habituado a trabalhar com esta falta de condições faço coisas deste género, mas nunca transporto os meus alunos para um patamar superior que é ter boas condições e que é lhes mostrar que a música também pode ser feita com boas condições e pode se comprar aqui com o futebol ou com o desporto.

Sou um treinador, treino uma equipa baixa, uma equipa de um escalão baixo, ou mesmo uma equipa de um escalão superior, mas no fundo da tabela. É claro que consigo jogar, consigo pô-los a fazer cruzamentos, a marcar penáltis, a saber a tática, agora o grupo de músicos que reúno, ou, neste caso, de atletas que eu reúno nunca são os melhores como os outros melhores, os vizinhos executantes dos outros clubes e isso na música também se nota.

Se eu tenho boas condições e posso trabalhar cá em cima e isso até para um professor tem isso, se eu tenho boas condições e posso trabalhar cá em cima eu vou desenvolver um trabalho muito mais significativo e os meus alunos vão dar muito mais valor àquilo porque se tem condições e se tem uma sala com condições, se tem instrumentos e tudo para tocar, se tem um professor que está a frente que tem condições para me fazer evoluir é claro que vou me esforçar e evoluir muito mais.

Agora é preciso ver. Se um professor que está habituado a trabalhar a meia tabela se tivesse eventualmente essa equipa para trabalhar e essas condições se era capaz ou não de fazer esse tipo de trabalho, porque é assim, se estou habituado a trabalhar cá em baixo onde o nível de exigência que é quase mínimo ou pouco e que depois passo para um nível elevado que tenho o máximo de condições e vou ter um grupo à minha frente muito bom para trabalhar isso vai exigir muito mais de mim, vai puxar muito mais por mim e vai me fazer com que eu tenha que estudar.

É por isso que às vezes treinadores ou líderes que estão habituados a trabalhar cá em baixo com equipas e grupinhos de eventualmente, pode-se dizer assim, de

qualidade baixa, nunca conseguem evoluir porque nunca sentiram o que é a evolução, ou então quando chegam a uma elevação tão grande aquilo é de um grau de exigência tão grande que a pessoa perde-se, a pessoa acaba por se perder ali, porque é assim o que é que eu faço agora aqui, tenho tanta gente boa ou melhor do que eu ou são quase todos melhores que eu, o que eu que faço aqui ou eu tenho um espírito de capacidade de ultrapassar esse tipo de coisa e de dificuldade e ir para casa praticar, ou ir para casa trabalhar e fazer arranjos e vir para ali e claro que vou aprendendo também ou então morro ali.

É isso o que acontece com muitos treinadores, que é quando estão a trabalhar em péssimas condições e depois apanham tudo perdem-se, perdem-se e não conseguem fazer nada, porque também tem a parte da motivação e da psicologia para lidar tanto com um grupo grande com qualidade e um grupo pequeno com qualidade e se nós estamos habituados a trabalhar com crianças com pouca qualidade musical sabemos lidar com eles e é por isso que nós somos bons cá por baixo e não somos bons lá em cima e aqueles que são bons lá em cima, que estão habituados a trabalhar com todas as condições, descendo a este nível também não são capazes.

É tudo isto que eu penso, porque eu também gostava de ter boas condições na sala de aula, também gostava de ter instrumentos em condições e não tenho e se calhar podiam fazer um trabalho melhor e eu próprio também podia evoluir e não evoluo também por causa disso e os meus grupos também não evoluem por causa disso.

Se não há condições chegamos a um patamar que não podemos subir mais, ou temos dinheiro para comprar tudo o que há de bom para poder evoluir, não me venham dizer que não é assim. Eu só vou tirar um bom som de uma banda rock ou parecido ao original se eu tiver material igual ou parecido ao que eles têm, mesmo que não seja do mesmo valor ou que me dê os sons iguais, ou então não vale a pena se meter por esse caminho.

Mas são estas condições que temos que lutar todos os dias e adversidades com que temos que lutar todos os dias, mas esperemos que o ensino em grupo tenha sucesso, esperemos que os cordofones tenham sucesso, que o teu trabalho tenha trabalho e que o trabalho dos nossos colegas todos tenha sucesso, pensando nesta filosofia.

